

O DOCENTE UNIVERSITÁRIO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA
NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
THE PROFESSOR AND HIS PEDAGOGICAL PRACTICE ON
TEACHING PORTUGUESE LANGUAGE

Penélope Muniz Martins Lôbo

Alcides Hermes Thereza Júnior

RESUMO

O processo de ensino-aprendizagem é algo que precisa ser refletido, analisado e estudado para que possa ser concretizado. Sendo assim, o docente terá condições de viabilizar, no espaço de sala de aula, um trabalho dinamizador, agradável, interativo e, sobretudo, diversificado. Buscamos, neste estudo, compreender acerca da prática de ensino de língua portuguesa no âmbito universitário, bem como verificar se a prática docente se enquadra no perfil tradicional ou inovador. Como parte do estudo, pudemos contar com a participação de docentes, que através de questionários, forneceram-nos informações necessárias para que pudéssemos trazer informações relevantes para a prática de ensino. Como resultado, concluímos que apesar dos docentes terem a consciência da importância de ser inovadores, o ensino universitário, ainda se espelha no tradicionalismo e a prática dos docentes de língua portuguesa, apresenta um caráter cada vez menos inovador.

Palavras-chave: Docente universitário, Prática de ensino, Língua Portuguesa

ABSTRACT

The process of teaching and learning is something that should be reflected, analyzed and studied, so that it can be implemented. Thus, the teacher will be able to facilitate the classroom work dynamic in order to make it enjoyable, interactive and especially diverse. This study tried to understand about the practice of professor Portuguese in the university, as well as verify that the teaching practice fits the profile traditional or innovative. As part of the study, we were able to count on the participation of professors. Their answers to a questionnaire provided us relevant information about the teaching practice. As a result, we concluded that although the teachers have awareness of the importance of being innovative, university education still reflects the traditionalism and practice of teachers of Portuguese, presents a character less and less innovative.

Keywords: College Professor, Teaching Practice, Portuguese Language

INTRODUÇÃO

É fundamental que o docente universitário, independentemente de sua área conscientizar-se a respeito do seu papel em sala de aula, pois além de se preocupar com

a sua formação, precisa refletir e repensar acerca de sua prática. É por esta lógica que nasceu o interesse de elaborar uma pesquisa sobre a prática do professor no ensino superior.

O presente trabalho tem como premissa compreender a prática pedagógica docente no ensino de língua portuguesa do curso de licenciatura em letras: Português /Inglês, bem como visualizar se a prática docente utilizada nas aulas dessa disciplina apresenta caráter tradicional ou inovador.

Iniciamos a pesquisa compartilhando nossas ideias com alguns teóricos que abordam o assunto escolhido. Na primeira seção, falaremos brevemente acerca do docente universitário e a prática que determina seu perfil tradicional. Em sequência, abordaremos o perfil e a prática do docente universitário inovador.

Posteriormente, discorreremos sobre um ponto de maior relevância, que trará uma proposta de ensino de língua portuguesa no curso de letras, com novas perspectivas. Para tanto, torna-se necessário mencionar autores como Anastasiou e Pimenta, (2002); Vieira, (2010); Fonseca, (2008); Carvalho; Magalhães, (2010), entre outros que realizaram seus estudos neste viés.

Na quarta seção, faremos a análise dos dados contendo os resultados e as discussões.

E por fim, será feita uma breve conclusão com base em tudo o que foi exposto ao longo deste trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A figura do docente universitário e sua prática: velhos costumes e certezas

Ao buscarmos compreender o significado da palavra docência, encontramos no dicionário de língua portuguesa Priberam sua denominação como sendo o ato de ensinar. Nesse sentido, entendemos o docente inserido no âmbito educacional como um dos autores que atuam em prol da disseminação do saber por meio do ensino nos diversos níveis. Porém, atualmente, alguns estudos mostram que a função do professor não se limita, apenas, ao ato de ensinar ou transmitir conhecimento, visto que é uma função que vai além dos conceitos trazidos por dicionários. Logo, percebemos que ser docente é cumprir uma tarefa bem mais complexa.

Para compreendermos a complexidade concernente ao ofício do docente, especificamente, ao professor universitário, Silva e Reis sugerem pelo menos três funções aos docentes deste nível, tais como: “o ensino (docência), a pesquisa e a administração em

diversos setores da instituição”. (SILVA; REIS, 2011, p. 167). Pois com a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão propõe-se outro perfil de docente que goza de uma prática interdisciplinar que implica num fazer mais inclusivo e de qualidade. Diante dessas asserções, é indubitável a existência das múltiplas funções que é delegado ao professor.

Embora saibamos que o local de atuação do professor universitário se dá nas diversas instituições de ensino superior, sejam elas faculdades, centros universitários ou institutos tecnológicos, utilizamos apenas a universidade, como exemplo de espaço social onde o profissional docente exerce suas funções. Dessa forma, ela pode ser entendida como uma fábrica de fazer ciência em que a lei do questionamento e a indagação imperam, e os operários, tidos como os professores e os alunos, juntos fabricam constantemente o conhecimento, guiados pela lógica da ciência, são instruídos para atuar e transformar a sociedade.

Tendo em vista a relevância da universidade para a sociedade, o corpo docente, deve ser dotado de qualificações, com posturas reflexivas e inovadoras. Porém, no que se diz respeito à prática docente, é possível, ainda, visualizar algumas práticas que não têm sido vista por muitos de forma positiva.

Esse olhar negativo revela que o exercício do ensino parece estar tão estático, de maneira que a identidade docente apresenta estar em conflito, pois a metodologia por ele utilizada tem funcionado como uma receita pronta de como ser professor, como se houvesse um único caminho aplicável de difusão do saber. Ou seja, as metodologias, adotadas por muitos parecem não ter um caráter inovador, e distância do contexto atual e de vivência dos alunos. Em razão disso, percebemos que a postura de alguns docentes tem mostrado ser contraditória, visto que os discursos construídos acerca da identidade docente nos diversos âmbitos, como acadêmicos, sociais, escolares e históricos, revelam que esse profissional é um formador inovador e mediador do conhecimento. Do mesmo modo, Tardif e Cols citado por Loguercino e Delpino, consideram que a identidade do professor nos discursos sociais é concebida como sendo:

[...] alguém que sabe alguma coisa e cuja função é transmitir esse saber, embora, não se reduza a isso, e esse conhecer não seja uma questão banal como se pode pensar inicialmente. O saber do professor/a é um saber plural: o professor/a padrão é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, que deve possuir certos conhecimentos das ciências da educação e da pedagogia, sem deixar de desenvolver um saber prático fundado em sua experiência cotidiana com os/as alunos/as. (TARDIF; COLS, 1991, p. 221 apud LOGUERCINO; DELPINO, 2003, p. 21)

Mas, ao contrário dos discursos construídos, esse profissional tem se revelado na prática, um sujeito dotado de uma postura tradicionalista que, com suas velhas crenças, prefere ministrar aulas de modo repetitivo, desinteressante e cansativo. Assim, são considerados, apenas, transmissores de informação. Suas aulas ocorrem de maneira expositiva e oratória, e o professor, assumindo um papel de detentor do saber e de verdades, impossibilita a participação dos alunos. De acordo com Ferreira:

A educação tradicionalista é caracterizada em um ensino fundado em verdades absolutas e inquestionáveis, e contribuem para que a escola seja vista como um espaço pouco atraente, monótono e reprodutor das estruturas existentes e da ideologia oficial (FERREIRA, 2004, p.35).

A herança de um modelo jesuítico instaurado no Brasil no período da colonização inspira muitos professores que não conseguem banir hábitos e nem quebrar paradigmas para evoluir na condição de mediador. Esses hábitos podem ser identificados na prática do professor quando ele trabalha a mesma metodologia todos os dias nas aulas. O professor que adere somente a aula expositiva, por exemplo, parece estar habituado a oferecer aulas neste molde que não consegue visualizar outras, ou novas formas para ministrá-las de outra maneira e suas ações se tornam padronizadas, fixas e inquebráveis. Portanto, não há quebra de paradigmas.

Segundo Anastasiou e Pimenta:

Fortes resquícios da metodologia Jesuítica e do modelo tradicional Frances ainda encontram instalados e dominantes, muitas vezes impedindo a universidade de cumprir seu papel de possibilitar processos de construção do conhecimento (ANASTASIOU; PIMENTA, 2002, p.154).

Em consequência, a prática de muitos professores se tornou calcada na atividade de repassar informação, manter a disciplina e avaliar os alunos de maneira infundada, estreita e padronizada. Neste contexto, é possível notar que estamos diante de um cenário educacional em que os principais autores (docentes), constroem cotidianamente o seu fazer com base na resistência, e negam conhecer o novo, pois tudo que é desconhecido é incerto, é desafiador. Precisamos ser desafiadores, pois, é nesta lógica que podemos mudar o espaço educacional e todos que atuam nele.

1.2 O docente universitário e o caminho para inovação

Vivemos em um período marcado por transformações em todas as esferas da vida humana, sejam elas, nas relações culturais, relações sociais, produtivas e econômicas. Essas modificações revelam, segundo Tejada (2012, p.61),

Um cenário caracterizado pela modernização, de bases tecnológicas, diante das novas realidades de uma sociedade mutante e incerta, com uma forte presença de alfabetização digital e idiomas, como

distribuição contínua e constante de redes de intercâmbios sociais, tecnológicos e econômicos, promotoras de intercambio, onde a integração intra e institucional, e inclusive transdisciplinar está ganhando forte protagonismo.

Essa nova realidade tem afetado o modo de pensar, viver e de se comportar das pessoas, evidenciando a existência de uma sociedade cada vez mais complexa e propensa a sofrer mudanças.

Considerando o espaço universitário como parte da sociedade, esse processo de mutação não ocorre de forma diferente, uma vez que a palavra de ordem se resume na quebra de paradigmas e de concepções estabelecidas. Logo, não há mais espaço para influências de modelos educacionais tradicionalistas padronizados e inflexíveis, pois prima-se pela valorização da subjetividade dos indivíduos e das inter-relações humanas, de modo que os diferentes contextos em sala de aula determinarão o proceder de cada docente. Ou seja, as singularidades dos alunos auxiliarão o professor na criação de práticas que visarão uma formação não só cognitiva, como era a preocupação do ensino tradicional. Mas, uma formação integral do homem, ou seja, um trabalho focalizado no aprender a ser, levando em conta suas sensibilidades, valorizando sua forma de pensar, agir, enfim, ter a consciência de estar relacionando com seres humanos.

Educar nunca foi e nem nunca poderá ser o resultado de uma fórmula mágica. Educar é, antes de tudo, encarar cada aluno e cada sala de aula como sendo, respectivamente, seres e realidades únicas – o que pressupõe atitudes, posturas e metodologias diferentes de cada caso. (CHALITA, 2002, p.125 citado por MAGALHÃES; CARVALHO, 2010, p. 134).

Portanto, todo esse processo precisa ocorrer baseado em um relacionamento mutuamente efetivo entre docente e discente, características, que de fato, fazem a diferença nessa profissão.

No que tange as competências, cabe ao professor universitário, inserido neste novo contexto, no mínimo, a capacidade de ser flexível, aprender a aprender, ter conhecimento cultural amplo; competência para saber atuar em sua sala de aula, desenvolver habilidades de

estratégias de ensino, possuir habilidades comunicativas, domínio de diversas formas de exprimir a linguagem, estar hábil no manuseamento de instrumentos midiáticos e multimidiáticos, e, sobretudo, reconhecer a necessidade de rever e repensar incessantemente de forma crítica e reflexiva o seu exercício. Visto que o seu papel é formar profissionais ou até mesmo futuros professores, nesse sentido, alguns alunos se espelham nos professores que tem. Daí cabe a este, reconhecer a importância de ter a consciência do seu papel, e, sobretudo as consequências dele. Porém, alguns docentes não aderem esse perfil, pois são conservadores e preferem seguir paradigmas, sem seguir novos rumos, e não conseguem às vezes atingir seus objetivos, a saber, cumprir seu papel de modo satisfatório, pois teme o que é novo.

Precisamos nos dar conta de que vivemos em um mundo de incertezas, e a inflexibilidade é uma palavra que não pode ser mais atribuída à figura do professor e aprender a aprender é o que direciona o nosso fazer.

Para que possamos implementar de fato o aprender a aprender, precisamos aprender a desaprender nosso modelo de ensinar. [...] desaprender e reaprender são tarefas que só tem êxito, quando aliamos nossa inteligência e nossa vontade a serviço de nossa autodeterminação (FURTADO, 2002, p. 11).

57

Desaprender a prática docente que se resumia na transmissão de informação, é aprender ser um novo docente, pois o conhecimento não deve ser apenas transmitido, mas sim, mediado. Segundo Carvalho e Magalhães (2010):

[...] propõe-se a prática docente a mediação entre o aluno e o conhecimento, preparando e conduzindo as atividades e ações integradoras nas estratégias selecionadas, incentivando os alunos ao desenvolvimento de processos significativos de mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento, favorecendo formação humana e profissional. (CARVALHO; MAGALHÃES, 2010, p.133).

Ou seja, o papel, hoje do docente em todos os níveis e disciplinas, precisa ser uma espécie de ponte que conduz o aluno em sua travessia ao encontro do saber. É de suma importância que esse perfil de mediador esteja inserido na formação de professores de Língua portuguesa nos cursos de Letras, para que estes mestres possam viabilizar a formação de sujeitos críticos, dotados de um pensamento autônomo, que visa transformar a sociedade onde estão inseridos.

1.2 Ensino de língua portuguesa no curso de letras, novas perspectivas

De acordo com Fonseca, o trabalho do docente de língua portuguesa é focalizado na perspectiva:

Cuja proposta científica pedagógica deve levar o acadêmico a construir competências que o habilitem ao ensino e à aprendizagem de língua portuguesa, tendo em vista os objetos de conhecimento aí implicados como, por exemplo, a leitura e escrita, etc (FONSECA, 2008, p.112).

Embora saibamos que o saber do professor não se limita, apenas no saber técnico e prático, mas, neste trabalho, a nossa preocupação é enfatizar a parte metodológica, que se concentra na ação, ou seja, no campo do fazer. E os questionamentos e as reflexões aqui presentes estão voltadas para o saber didático. Dessa forma, as nossas inquietações se concentram no fazer metodologias que o professor universitário de língua portuguesa utiliza para intermediar o conhecimento teórico.

Tais inquietações nos levam a pensar se ainda temos sido fieis aos modelos e as práticas tradicionais de ensino. Neste novo século, é fundamental que cada docente tenha a oportunidade de rever suas concepções através da reflexão. Essa tarefa deve ocorrer na auto-avaliação, de modo que nos permita fazer uma retrospectiva da nossa própria formação, e a partir daí, projetar uma nova formação para o futuro.

É na auto-avaliação dos docentes, da instituição, e no trabalho coletivo que o ensino de língua portuguesa nos cursos de licenciatura, especificamente de letras deve estar alicerçado, uma vez que o discente universitário está em processo de formação, adquirindo o conhecimento que lhe permita pensar sobre os aspectos práticos e teóricos da língua, visto que o foco, é possibilitar-lhes as condições de teorizar sobre isso. Nesse sentido, o licenciado em Letras não será apenas um falante bem capacitado, mas também um professor desta língua, que exercitará a arte da mediação. Por isso, este processo precisa acontecer através da reflexão, do planejamento, da criatividade, para que o discente (futuro professor) possa buscar, através do conhecimento, maneiras diversificadas para transmitir seu conteúdo, quando estiver na condição de professor.

A preocupação com a formação dos futuros professores de língua portuguesa se dá pelo fato da influência que os docentes exercem sobre eles. Ou seja, eles podem ser fonte de inspiração para alguns alunos, e estes podem reproduzir aquilo que lhes foi ensinado. Em virtude disso, faz-se necessário pensarmos nas nossas ações na sala de aula. Será que temos sido meros reprodutores de uma educação tradicionalista, ou temos buscado inovar nossa prática investindo na nossa formação? Pensar é o primeiro passo. É necessário, também, agir em prol de mudanças que nos permitem evoluir enquanto formadores e mediadores de um conhecimento voltado para os estudos da língua.

Quando o assunto é língua portuguesa, é comum presenciarmos algumas situações de descaso com a disciplina em sala de aula, na maioria das vezes pelos alunos. Matthes, afirma que isso ocorre, em detrimento da sensação que os alunos apresentam ter.

Com a sensação de que o professor ensina para si mesmo, o aluno se distancia de sua própria língua, entendendo-a como uma série de regras gramaticais imutáveis que ele deve decorar e devolver em provas e exercícios. Comparando a língua portuguesa da escola com a dinâmica língua do seu dia-a-dia, o aluno tem a impressão de que são duas línguas diferentes e distantes (MATTHES, 2002, p.70).

Em outras palavras situações dessa natureza ocorrem pelo fato de o aluno se apropriar de uma das facetas da língua, como a linguagem informal (coloquial), se torna motivo para o docente assumir posturas discriminatórias, fomentando no aluno a criação de obstáculos, no que diz respeito à aquisição do aprendizado da língua portuguesa. Para Bagno (2007, p.65 *apud* VIEIRA, TEIXEIRA e OLIVEIRA,.), o ensino de língua portuguesa ainda é tradicionalista:

O ensino de língua ainda é feito com base em dogmas, preceitos e regras que nada têm de científicos e esse é o seu maior defeito. Fomos habituados a aprender e a ensinar português como se a língua fosse uma coisa imóvel, pronta, acabada, estática, sem nenhuma possibilidade de mudança, variação, transformação.

Isso reforça a ideia de que o descaso apresentado pelos alunos é o resultado da desvalorização que o docente apresenta ter, no que diz respeito à valorização do conhecimento que o aluno leva para a universidade.

O professor não reconhece que é fundamental valorizar nos alunos aquilo que faz parte da sua vivência. Essa postura pode desencadear uma barreira no processo de aprendizado do aluno, de tal modo que o impede de sentir a necessidade de conhecer e se interagir na sala de aula como autor de sua própria língua. Portanto, o ensino de Língua Portuguesa não deve ocorrer somente com base em regras, nem de maneira tradicionalista, mas que aconteça em situações de interação de forma comunicativa que permitem ao aluno internalizar os recursos da língua (gramática implícita) para uso efetivo nas situações reais de interação comunicativa de uma forma mais agradável.

O ensinar e aprender na universidade e as atividades pedagógicas precisam estar construídos no princípio do ensino-aprendizagem. Isto significa que as ações devem ser realizadas por meio da troca de aprendizado tanto para o aluno quanto para o professor. O professor precisa ser o exemplo dos seus alunos, assumindo posturas de um docente crítico, reflexivo e pesquisador.

Outro elemento de suma importância é o estímulo. Ele cumpre um papel essencial na aprendizagem dos alunos. Por isso, ele precisa ter uma significação para que o aluno se sentir atraído por completo pelo que está sendo proposto. Portanto, estimular é quebrar barreiras, é encorajar o aluno a querer e, conseqüentemente, a conhecer.

É importante dar destaque, também a valorização da aprendizagem em vários espaços, ou seja, permitir ao aluno vivenciar situações reais e concretas quer seja na biblioteca, ou no

laboratório de informática, no pátio, etc. Viabilizar situações em espaços diversificados é ideal para que o aluno possa relacionar a teoria e a prática.

Construir conhecimento exige do docente uma postura mais flexível para que o aluno possa reconhecer no seu professor, se identificar e o ver como um parceiro para juntos construir o saber. É nesta perspectiva que esperamos que a prática do professor de língua portuguesa de cursos de licenciatura em Letras possa embasar-se, visto que seu dever é formar futuros professores dessa disciplina.

Precisamos desconstruir nos alunos a concepção negativa que muitos têm acerca da disciplina de língua portuguesa, uma vez que, é no processo de formação que os futuros docentes devem ser instruídos de forma eficaz, para eliminar as barreiras e as ideologias constituídas socialmente acerca da disciplina e do professor. Para isso, é preciso haver uma mudança no que diz respeito à prática do professor universitário.

Como sugere (SILVA; REIS, 2011, p. 166):

Para o exercício da docência, o docente necessita ser um grande conhecedor do processo ensino aprendizagem. Precisa saber a melhor maneira de ensinar, tendo em vista que ensinar supõe provocar situações que levem o aluno a estabelecer relações com o objeto em estudo, conhecer como o ser adulto aprende, como se dá a construção do conhecimento em áreas específicas, as suas necessidades pedagógicas e condutas frente aos diferentes estilos e de formas de aprender.

60

O docente necessita buscar meios para mediar o conhecimento de forma que possa atender as necessidades de cada aluno em suas complexidades, pois sabemos que os alunos individualmente apresentam em suas singularidades, modos diferentes de apreender e adquirir conhecimento, por exemplo, ora, alguns aprendem mais por meio de aulas dialogadas e discussões interativas, ora outros por meio de imagens e sons... Enfim, cada sujeito é único, do mesmo modo, os alunos possuem formas únicas de aprender, também.

PERFIL DA PESQUISA, MÉTODO E MATERIAIS UTILIZADOS

A prática da reflexão e da pesquisa são elementos essenciais na vida daqueles que vivem em prol da produção do conhecimento. Segundo Demo, “a pesquisa deve estar entranhada na vida do professor e do aluno, possibilitando a descoberta e a criação” Demo (apud CARVALHO, 2010, p.3). Nesse sentido, é relevante explicitarmos o caminho, os métodos e os materiais pelos quais utilizamos para desenvolver tal ação.

Em relação a este estudo, aderimos à investigação qualitativa, como sugere Carvalho, “no paradigma qualitativo, o cientista considera que a relação dinâmica entre o sujeito (subjetivo) e o mundo real (objetivo), não podem ser expressos em números. Daí a necessidade de

interpretação dos fenômenos estudados e a atribuição de significados a eles descrevendo-os.” (CARVALHO, 2010, p. 3). É neste processo que inferimos e buscamos entender as coisas através do ponto de vista dos participantes. .

Outra modalidade que aderimos para desenvolver a pesquisa foi o estudo de caso, em que investigamos um grupo de professores de língua portuguesa que lecionam na Universidade Estadual de Goiás.

O procedimento metodológico da pesquisa se deu da seguinte forma: o critério que utilizamos para conseguir as informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa foi selecionar um grupo de 05 docentes de língua portuguesa que atuassem no ensino superior, na UEG. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, construído por 04 questões abertas sequenciadas, que exigia dos participantes respostas discursivas:

1. O que você pensa sobre a prática de ensino na universidade? Relate como esse processo ocorre.
2. Ao avaliar a forma pela qual o processo de ensino ocorre, quais são os aspectos que facilitam e os que dificultam a viabilização deste?
3. Em qual perfil você define sua prática? Você se considera inovador ou tradicionalista? Exemplifique o seu conceito.
4. Qual deve ser a postura do professor de L. P na universidade? Qual é o seu papel?

Sendo assim, aplicamos os questionários, de maneira direta, e indireta, sendo que alguns professores puderam respondê-los na própria unidade, e outros, devido à falta de tempo, responderam em suas casas e nos enviaram as respostas por e-mail.

Quanto à duração da aplicação e coleta de dados, fizemos esse procedimento em 02 semanas, pois nem todos conseguiam responder na data prevista.

De posse de tais informações, no sentido de desvelar a visão dos professores em relação aos questionamentos feitos, pudemos analisar com precisão suas concepções, suas experiências, as possibilidades e os desafios de atuar na docência do ensino superior de língua portuguesa.

ANALISE DE DADOS, RESULTADO E DISCUSSÃO

Para analisar os dados, a princípio, faz-se necessário descrever o perfil dos docentes, de modo que as iniciais abaixo as representem, como forma de preservar suas identidades.

D.A

Sexo: Feminino

Idade: 30 anos

Formação: Graduação em Letras: Português/ Mestre e doutoranda em Letras e Linguística.

Atuação docente: Leciona Língua portuguesa I e orientações para Estágio Supervisionado de Língua portuguesa e literaturas II na UEG.

D.B

Sexo: Masculino

Idade: 32 anos

Formação: Graduação em Letras: Português/ Mestre e doutor em Linguística.

Atuação (docente: Leciona Língua portuguesa I e II; Linguística III na (UEG) e (IFITEG).

D.C

Sexo: Feminino

Idade: 38

Formação: Graduação em Letras: Português/ Inglês

Atuação docente: Leciona na disciplina de Língua Inglesa (Laboratório oral) e Portuguesa na UEG.

D. D

Sexo: Feminino

Idade: 41

Formação: Graduação em Letras: Português/ Mestre em Linguística.

Atuação docente: Leciona a disciplina de Linguística na (UEG).

D.E

Sexo: Feminino

Idade: 50 anos

Formação: Graduação em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Atuação docente: Leciona Língua portuguesa III e IV na UEG.

A primeira pergunta versava acerca do que os docentes pensam sobre a prática de ensino na universidade. Dentre os 05 entrevistados, 02 docentes relataram que a prática de ensino é uma atividade que instigue e leve ao aluno a encontrar meios para traçar seu próprio caminho, profissional. Além disso, eles acrescentam que o ensino ocorre de uma forma mais tranquila, pois o perfil do estudante universitário é de alguém que deseja (ou pelo menos está consciente de que sua formação o levará a profissão docente.

Já na visão dos 03 últimos entrevistados, a prática de ensino de língua portuguesa é bem tradicionalista. O (D.A) alega que a mediação na prática docente contemporânea ocorre de maneira paradoxal. “Se o conhecimento deve ser centrado no aluno, na pesquisa, e não no professor como detentor do conhecimento, há, ainda, uma metodologia de ensino que não estimula em geral a produção do conhecimento, e sim a mera recepção sem o processo de

humanização, ou seja, não é favorável à formação da cidadania, conforme o postulado dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCeMs)”.

Em razão disso, é possível inferir que na prática, a teoria pedagógica Freiriana não ocorre. O ensino tradicional impera, apesar de os documentos oficiais orientarem o contrário. E a conduta paradoxal, conseqüentemente, é levada também para o ensino superior.

O (D.E), alega que de modo geral o ensino ocorre com muita discussão de teoria e cada vez menos é trabalhada a prática. Apesar de ser possível o ensino acontecer de forma diversificada.

É importante destacar uma das causas de o docente ser tão tradicionalista e aderir um só caminho para dar suas aulas. Pois de acordo com um dos entrevistados, no ensino universitário de Língua Portuguesa, é dada muita ênfase a discussão teórica dos conteúdos e deixam de lado as discussões referentes à prática. É inegável a importância de o professor ser didático ou pelo menos ter o conhecimento didático. Uma vez que está inserido em um curso de licenciatura.

“O ensino de docentes no curso de Língua portuguesa tem revelado que o docente só precisa saber o conteúdo a ser ensinado, mas o conhecimento prático, do como agir! Parece não haver tanta relevância assim, mesmo havendo disciplinas sobre didática, o entrevistado acrescenta que são poucas as aulas que estão na grade curricular, ou seja, insuficientes para viabilizar uma formação digna ao futuro professor. “O ensino acontece com muita discussão da teoria e cada vez menos da prática” (D.E).

Por isso, não podemos esquecer que teoria e prática são conhecimentos indissociáveis na formação do professor. E para que o docente de língua portuguesa exerça seu ofício de forma positiva, é preciso que ele saiba usar tanto a teoria quanto a prática em seu favor. Pimenta e Anastasiou (2002) nos chamam a atenção para a importância dos saberes das áreas o conhecimento, dos saberes pedagógicos, dos saberes didáticos, dos saberes da experiência do sujeito professor.

Por mais que haja visões diferenciadas acerca da prática do ensino na universidade, podemos compreender que há uma consciência por parte dos docentes em reconhecer a importância de refletirmos sobre as possibilidades; sobre os desafios e as necessidades de evoluirmos enquanto responsáveis pela mediação do saber. Além disso, os docentes têm buscado diversificar suas aulas, de forma que o aluno se sinta tranqüilo e instigado.

Tabela 1 – Prática de Ensino na Universidade

Tranquila e instigante	03
Paradoxal e tradicionalista	02

A segunda questão visava identificar os aspectos que facilitavam e os que dificultavam a viabilização do processo de ensino da disciplina de Língua portuguesa na universidade. No que tange a segunda questão, os participantes identificaram os aspectos positivos e negativos de forma bem diversificada, pois 03 acreditam que o que facilita o processo de ensino, a princípio, é o fato de os alunos terem o fácil acesso a universidade, principalmente, com a existência do sistema de cotas e bolsas de auxílio ao estudo que se torna mais viável o ingresso ao nível superior. Outro fator é o acesso a professores qualificados, a pesquisa e extensão.

Por outro lado, os professores alegam que a dificuldade reside nas comodidades que tiram do acadêmico um pouco de ambição de lutar para se chegar ao nível superior e a falta de verba para equipar os espaços adequados da academia. Um dos docentes define bem essa situação: “Temos acadêmicos apáticos, conformados e sem vontade de lutar para estar na faculdade ou para fazer um curso que realmente ache importante ou que realmente seja o sonho de carreira e de profissão. Muitas vezes os jovens entram na faculdade que está mais próxima da sua casa porque sabe que ter um curso superior pode facilitar o ingresso no mercado de trabalho” (D.E).

De acordo com os demais, 01 afirma que a facilidade reside na idéia de que em alguns casos, o estudante deseja aquela formação, assim se torna mais fácil alcançar os objetivos que o docente planeja. E a dificuldade está no despreparo dos estudantes que às vezes, ingressam na universidade, apresentando déficit linguístico.

O (D.A) afirma que o ensino conteúdista é cômodo e facilita o processo tradicional de ensino. E a dificuldade está na existência dos estereótipos discursivos, que engessa a atividade docente como algo automático; o professor é o único que sabe e pode ensinar.

Compreendemos então que assim como há os aspectos facilitadores no processo de ensino, por outro lado, existem também os impasses que o professor universitário enfrenta para ensinar. Primeiramente, pelo fato de ter que se desdobrar, no sentido de minimizar as deficiências que os alunos trazem do ensino médio, é preciso superar a comodidade que o próprio sistema impõe, e os discursos estereotipados acerca de sua própria figura.

Diante dos inúmeros agravantes não podemos deixar de destacar que não basta garantir o fácil acesso a universidade aos alunos, é necessário assegurar não só a eles, mas também aos docentes recursos de laboratórios, de bibliotecas, de cursos de capacitação, formação continuada (professores) etc., para que haja a troca de conhecimento de forma mais democrática e bem sucedida.

Tabela 2 - Aspecto Facilitador	Aspecto dificultoso	Nº de respondentes
Fácil acesso a universidade	Comodidade discente	03

Discente consciente de seu papel	Despreparo discente	01
Ensino conteudista	Estereótipos discursivos	01

Posteriormente, buscamos identificar o perfil que definia a prática dos docentes, tal como, inovador ou tradicionalista. Dentre os 05 entrevistados, 03 afirmaram ser tradicionalistas e 02 inovadores. “Considero-me tradicionalista nos métodos e inovador nas relações interpessoais professor/aluno (D.B).

“Eu considero a minha prática um tanto eclética. Não tenho nenhum problema em ter atitudes conservadoras para determinadas situações, nem também tenho problemas com as modernidades [...]” (D.E).

Diante disso, é importante notarmos que a idade não é um fator determinante que define uma prática tradicionalista, pois os entrevistados que alegaram serem inovadores representam uma faixa etária mais elevada do que os demais docentes que alegaram ter uma prática tradicionalista. Além disso, mesmo que a prática tradicional persista, os docentes têm a consciência da importância de ser inovador, e buscar diversificar sua prática, mesmo que seja, somente, em algumas situações.

Tabela 3 – Perfil da prática de ensino	
Tradicionalistas	03
Inovadores	02

Na sequência, averiguamos qual deveria ser a postura do professor de L.P na universidade e qual seria o seu papel. Por unanimidade, os 05 entrevistados responderam que o professor deve amparar o aluno em suas atividades rotineiras, ao proporcionar acesso crítico aos diferentes textos e discursos em diversos suportes materializados. Ou seja, é preciso mostrar aos alunos, por meio da orientação a sistematização das várias manifestações da língua e fazer com que tenham segurança em usar qualquer uma das formas de se manifestar olhando sempre as circunstâncias e o tempo- lugar de onde está se manifestando. O papel é de orientar os alunos de forma que possam fazer o uso eficaz da língua, porque, conseqüentemente, quanto mais seguro estiver como usuário, melhor será quando for ensinar. Por isso, a postura do docente é a melhor forma de mostrar ao aluno a prática de um ensino eficaz, dinâmico e libertador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste trabalho nos fez reconhecer o significado da profissão docente. Sua grandeza é tamanha, uma vez que estes profissionais são responsáveis pela propagação do saber e pela transformação de uma sociedade cada vez, mais complexa, imediatista e moderna. Assim, prática do professor universitário de língua portuguesa precisa estar em sintonia com a inovação.

Na condição de professores, precisamos buscar cada vez mais se aprimorar, adquirir novas competências, aprender a cada dia a reaprender, pois nada é estável. O conhecimento está em constante movimento e cada dia surge novas teorias, novos conhecimentos e tudo têm um prazo de validade. E que na docência não seja diferente, é necessário investir na formação de docentes inovadores, aversivos a mesmice e que tenham o hábito de reformular cotidianamente sua prática para que possa atender as novas perspectivas do ensino.

Observamos que, embora o processo de ensino não ocorra de forma tão inovadora, os docentes têm a consciência de cada vez mais é preciso aprimorar e diversificar suas aulas, de forma que as tornem mais instigantes eficazes para os alunos. Pois seu dever é formar futuros professores dessa disciplina.

No que se refere ao perfil de suas práticas, constatamos que, apesar de destacarmos a importância da prática inovadora, ainda, hoje, podemos encontrar, em contextos universitários, docentes que consideram importante adotarem uma prática tradicionalista, distante dos padrões que consideramos inovadoras.

Concluimos que é primordial que o docente invista em sua formação, para o aprimoramento de suas práticas na sala de aula universitária, e ter a consciência que não existem receitas prontas e acabadas de como agir, mas pistas que no processo constante das relações conjuntas entre discente e docente, o conhecimento é construído e refletido, possibilitando a este criar, recriar e inovar sua prática.

REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; PIMENTA, Selma, Garrida. Ensino superior. Docência no ensino superior. São Paulo: Cortez editora, 2002.p. 141-157.
- CARVALHO, Guido de Oliveira. A pesquisa em lingüística aplicada na universidade. 2010. Apostila para orientação de pesquisa (não publicada).
- CARVALHO, Renata Martins; MAGALHÃES, Carmen Silva. Perfil do profissional docente do século XXI. In: KRATZ, Lúcia. FREITAS, Carla (Orgs). Docência universitária. Goiânia: Kelps, 2010. P.129 – 145.
- FONSECA, Cláudio Luiz. Novos paradigmas nos cursos de Letras e formação do professor de língua portuguesa. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro, v. XII, n 04, p. 112, 2008.

FURTADO, J. C. F. As desaprendizagens do Professor. *Profissão Mestre*, Curitiba, v. 34, p. 11 – 14. 2002.

LOGUERCIO. Rochele, de Quadros; DEL PINO, José Cláudio. Os Discursos produtores da identidade docente. *Ciência e Educação*, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 17-26, 2003.

MATTHES, Nilza Antonietti. Ensinando a língua portuguesa culta: gramaticalismo ou reflexão? *Uninove – Revista dos cursos de pós-graduação em educação da Universidade Nove de Julho*. São Paulo. v. 1, p. 70-76, 2002.

DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2010. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/sobre.aspx>. Acesso em 16 de Abril. 2013.

SILVA, Livia. REIS, Marlene. Docente do ensino superior e a importância da formação pedagógica. In: REIS, Marlene. (Orgs). *Docência universitária As interfaces no ensino superior*. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2011. 163-192.

TEJADA, José. Inovação Docente na universidade: alternativas na formação de professores. In: SUANNO, Marilza. PUIGGRÓS, Núria (Orgs). *Didática e Formação de Professores perspectivas e inovações*. Goiânia: CEPED. PUC Goiás, 2012.

VIEIRA, Nathalee Paloma et al. O uso dos gêneros textuais em aulas de língua portuguesa numa perspectiva de desenvolvimento de competências textuais. 2010. Projeto de pesquisa em educação. Universidade Estadual do Piauí- UESPI Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira.